

## PREFÁCIO DA EDIÇÃO

### **Educadores, Artes Cênicas e a realidade brasileira**

Sergio Coelho Borges Farias<sup>1</sup>

Vivemos tempos turbulentos, emocionantes, assustadores.

Nesses politicamente conturbados anos de 2016 e 2017, cada medida política adotada, pelos sujeitos que detêm o poder, é um baque. Não somente para os educadores, que há tempos, e eu diria desde sempre, já levam uma vida com sobressaltos.

O que dizer diante de tanta barbárie em todos os setores da vida cotidiana, seja no campo da ciência, da cultura ou da educação?

Uma página em branco na tela do computador se apresenta ao escritor com um brilho desafiador. Há que expressar algo por escrito, nos tempos de hoje, e a tela em branco é como uma lâmina cortante, ameaçando expor ao leitor o coração, o estômago e as vísceras de quem experimenta escrever.

O que dizer ou fazer perante o redirecionamento da economia nacional e suas consequências, como o crescimento do desemprego, a redução de gastos no serviço público e no campo social em geral?

E o que o profissional do Teatro, da Dança ou do Circo, campos tão lúdicos, tem a ver com isso?

Os que ocupam as instâncias jurídicas, policiais, militares, comunicacionais e legislativas, harmoniosamente articuladas, fortes e decididas desde antes do golpe de estado, agem com monstruosa tranquilidade ao imprimir sua digital em todos os setores da vida pública.

A vertente ideológica que guia os poderosos, além da acumulação de capital, por meios lícitos ou ilícitos, é conceder a grupos não brasileiros a exploração e posse de riquezas do país e liberar o seu trânsito na economia, no sentido de

---

<sup>1</sup> Nasceu em Salvador, cursou Mestrado em Educação na UFBA e Doutorado em Artes na Universidade de São Paulo (USP). Realizou estágio Pós-Doutoral na Universidade de Paris Ovest-Nanterre. É Professor Titular na Área de Didática e Metodologia do Ensino, foi bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, docente e orientador nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Artes Cênicas, tendo coordenado este último entre 2003 e 2007. É ator e diretor teatral. Participou da criação, foi Vice-Diretor e Diretor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA. É Assessor para as áreas de Arte e Cultura da Reitoria da Universidade Federal do Oeste da Bahia e atua no primeiro curso de Especialização da instituição, em Artes e Ação Cultural.

direcionar os benefícios para os detentores dos meios de produção, os grandes proprietários, os investidores e banqueiros.

Retiram-se, ao mesmo tempo, direitos e benefícios básicos para sobrevivência dos setores mais pobres e explorados da população.

Mas por que um educador, ou um artista, ou um arte-educador deveria se preocupar com isso?

O poder advindo do sistema político "democrático" é avassalador. Os agentes da cena política circulam com desenvoltura nas mentes e no imaginário da população que caminha distraída ou atrapalhada pelas cidades, permanecendo em sua maioria na condição de espectadora.

Todos nós vivemos variados papéis nos diversos espaços da teatralidade cotidiana. Na cena política, há o papel do governante e há o papel do político eleito para ser representante, que dá suporte ou que golpeia o governante, com interferência fundamental da mídia e com conivência do aparato jurídico.

O próprio povo (consciente, enganado, dominado ou vendedor de voto...) elegeu um parlamento espúrio, em sua maioria, e agora recebe as rasteiras que lhe remetem aos níveis mais baixos da escala social. Ainda assim mantém-se abismado, incrédulo e em silêncio.

A maioria das pessoas parece ainda não compreender que a ferramenta matriz para a formatação do contexto atual pode ter sido seu próprio voto ou sua indisposição para um trabalho de educação política.

Apesar da turbulência no quadro político, a maioria da população mantém-se acomodada, em geral mal informada, sendo receptora de mensagens inebriantes e enganadoras, produzidas pela grande mídia ou por grupos profissionais em redes sociais, para a aceitação do atual estado de coisas.

Qual seria o lugar da arte e do ensino de artes nesse panorama sócio político cultural? Que temas poderiam ser abordados nas improvisações de teatro e de dança? Que textos poderiam servir de referência ou ponto de partida para performances?

Em que medida caberia a um arte-educador ou um estudante de arte colocar-se no lugar, político por natureza, do trabalhador que tem seus direitos mais básicos retirados de cena? Por que um escritor, um acadêmico, um artista ou educador deveriam abordar temas sociais, polêmicos e instigantes?

Em que medida os trabalhos no campo da Pedagogia das Artes Cênicas aqui apresentados articulam-se com a realidade vivida pelos seus integrantes?

Para reflexão sobre cinco grandes temas, educadores, artistas e estudantes de Teatro, Dança, Circo e Performance foram reunidos pelo Grupo de Trabalho de Pedagogia das Artes Cênicas da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, em Maio de 2017, na UFBA, em Salvador-Bahia, para um Encontro.

Como desdobramento desse evento de âmbito nacional, que é realizado anualmente pelo GT, foram selecionados alguns trabalhos nele apresentados, para publicação no presente Caderno do GIPE-CIT, a publicação regular do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade.

Fica então o convite ao leitor para que reflita sobre essas questões aqui apresentadas ao ler os artigos. Esperamos que, em seguida, uma tela em branco no computador, como uma lâmina, com seu brilho provocador, atinja corações e mentes por meio de novos textos, revelando trabalhos educacionais com as artes cênicas e sua inserção num mundo em constante transformação.